

Gazeta do Vimaraneense

Redactor principal: Avelino de Sousa.

Os artigos da redacção do jornal não são assignados. Todo o artigo publicado com assignatura de qualquer natureza exprime a opinião particular do seu author, com a qual a redacção pode ou não concordar.

N.º 560

TERÇA-FEIRA, 10 DE ABRIL DE 1866

V ANNO

Guimarães, 9 de abril

Caminho de ferro do Minho

Mais uma opinião auctorisada, e que impertã a manifestação do parecer e da vontade de todo o districto do Porto, se acaba de pronunciar em favor da directriz do caminho de ferro do Minho por esta importantissima cidade.

A junta geral do districto do Porto, peticionando em favor do traçado central do caminho de ferro da Regua não olvidou a maxima vantagem da directriz central do caminho de ferro do Minho, que com aquelle completa o melhoramento mais importante para as provincias do Norte, e opera uma revolução de todo o ponto auspiciadora para a sua futura prosperidade.

Já as camaras municipales d'aquella importantissima circumscripção administrativa tinham peticionado ao governo na mesma conformidade, e por tal forma se manifestam em ambos os documentos as vantagens d'este traçado que nós reputamos impossivel deixar-se de attender ás conveniencias incontestaveis da directriz central.

De proveitoso estímulo deveria servir á junta geral d'este districto o exemplo patriótico da junta geral do districto do Porto, mas debaixo da pressão d'uma authoridade, como o sr. Pindella, não devemos esperar mais da sua iniciativa, do que da iniciativa das vereações d'este districto, mais proximo interessadas pela construcção da via ferréea central.

Debaixo do signo administrativo do sr. Pindella só pode florescer a incredulidade e só pode medrar o desconcerto de todos os elementos de prosperidade, e a desorganisação de todos os meios do livre exercicio dos direitos constitucionaes.

Por isso não esperamos nada nem da junta geral, nem das municipalidades inspiradas pelo sr. governador civil.

De estranhos vá este districto registrando a dedicação, que lhe negam aquelles, a quem directamente cumpria promover os seus interesses.

E ha quem repate proveitosa a administração do sr. Pindella!

O ministerio está a desmoroñar-se.

Os boatos de crise ministerial, que ha mais de dois mezes, não sahem da bocca de toda a gente, accusam a enfermidade da situação e as exigencias da opinião, contrariada pela miseria do governo, e vexada pelas *balustrinadas*, com que elle tem malbaratado a fazenda publica, e offendido o decoro nacional.

Retarda as aspirações do paiz a subserviencia d'uma maioria inconsequente, prolonga o inglorio viver do governo, o desvario lamentavel dos

nossos antigos correligionarios, illudidos pelo programma do ministerio, e vacillantes ainda por mal entendidos escrúpulos de lealdade politica, mas a moralidade publica e as boas praxes de governação hão-de vingar apesar d'isso, e as indicações da opinião hão-de ser respeitadas e cumpridas, porque, segundo a indole do nosso systema politico, o paiz não pode ser governado contra os seus designios manifestos e tendencias conhecidas, e os membros dissidentes do grande partido popular hão-de reconhecer um dia esta verdade e dar-lhe preito.

O governo illudido, por um programma elevado, nimitos liberaes sinceros, pretende substituir a força, que lhe provinha d'estes, por adventicios, que tem alistado á custa de commissões importantes, de graças immensas, de corrupções avidas, e de favores sem conta; mas rebaixando por este modo a honestidade politica, acarretando sobre si suspeições, como só teve ainda um governo a este modo, hão-de perder o apoio de todos os liberaes honrados, e hão-de cahir para nunca mais subir á gerencia superior das coisas publicas.

É um erro, que não aproveita aos partidos, e prejudica as instituições e o paiz, procurar elementos de força fóra dos principios de rigorosissima honestidade politica, e moralidade publica, e esse erro em nenhum tempo foi praticado mais firmemente do que na actualidade.

Por isso dizemos nós que o ministerio está a desmoroñar-se.

O sophisma continuado dos principios liberaes, as continuadas *balustrinadas*, e um diluio de graças e titulos, sem razões e motivo de ser, que não denunciem uma corrupção politica, hão-de abafar uma situação, que pareceu inaugurada para grandes committimentos, mas que está no maior e mais deploravel desconcerto. Fazemos votos para que todos os progressistas, nossos antigos correligionarios, se desenganem, antes que o paiz os possa reputar cúmplices das *balustrinadas* do ministerio.

Perca-se tudo, mas salvem-se os principios.

—Os principios do partido historico foram sempre de rigorosa honestidade e sincera liberdade.

Não ha metter na cabeça á boa da *Gazeta do Minho* que o ex-capellão de Porto d'Ave deu contas...

Começamos a ter escrúpulo de contrariar-la, porque nos dizem que, por motivos identicos, tem havido muito caso d'alienação mental, e nós por modo nenhum queremos carregar com a responsabilidade d'ensandecer esta querida beata.

Vamos, pois, com tento e geito.

Que o ex-capellão deu contas, ve-se

n'um documento official, a que por vezes temos alludido e em que s. ex.ª, o sr. governador civil d'este districto declara que approva as contas que lhe foram apresentadas. Se s. ex.ª approvou as contas, é porque lhe foram dadas. É verdade que s. ex.ª diz: apresentar e não dar; mas aqui dar e apresentar são perfeitamente synonymos. Entende?

Vemos que a *Gazeta* arregala os olhos, como quem não entende ainda muito bem e que na sua intelligenciasinha se encabrita uma objecçãozinha que diz assim: «Para que são as contas? Não são para se chegar ao resultado de quem deve e ha-de haver?»

Com alguma paciência havemos de chegar ao fim. A nossa *Gazeta* tem para si que, nas contas que os estabelecimentos pios tem com o governo, os estabelecimentos pios estão para o governo, como um caixairo está para um patrão, um moço de recados para o amo. O governo dá um tanto aos estabelecimentos pios ao mercado, e, na volta, dão as contas e o troco ou saldo. Aqui está a luneta, por onde a *Gazeta* vê este negregado negocio das contas. Mas não é assim. O governo não tem nas contas dos estabelecimentos pios se não a fiscalisação. Entende? Os estabelecimentos pios não tem nenhum deve e ha-de haver com o governo; não tem nenhuma conta a saldar com o governo, por uma razão muito simples: porque nenhuns negocios tem com elle. Entende?

Foi por isso que quizemos atirar ás ortigas a palavra saldo, que, mettida nas contas com o governo, nos andava a intrigar. Saldo nas contas das irmandades etc. dá-se entre as irmandades e as pessoas com quem ellas contractam e negociam; com o governo, não. Quando o governo quer applicar para outros estabelecimentos pios o saldo das irmandades, precisa de o ebrismar com o nome de sobras. Se a *Gazeta* não faz differença usar d'esta tecnologia que tem sua razão de ser, use, que bem merecerá da republica.

Parce agora clarinho que o ex-capellão podia dar contas, muito bem dadas, e não obstante negar-se a entrar com o saldo d'essas contas, visto que a prestação das contas não tem absolutamente nada com a entrega dos saldos.

Se a *Gazeta* ainda não entendeu, peça a Deus que a mate e que a despene d'este supplicio da imprensa.

A evocação que quer fazer do *juiz dos orphãos* é um pouco mais embirrenta. A *Gazeta* serve-se, para este esconjuro, do art. 84 da Reforma Judiciaria que diz: «Aos juizes de direito de primeira instancia compete a jurisdicção orphanologica nos termos d'este decreto.» Ora vejam donde a nossa *Gazeta* foi desaninhar o pobre do *juiz dos orphãos*!! Por este processo é capaz de nos ressuscitar os corregedores, juizes de fóra e *tutti quanti*. Devagar!

o rei ainda não chegou. Enquanto na chega, vá accetando a organização judiciaria, como a fez a Reforma, e deixe em paz o *juiz dos orphãos* que a Reforma não admittiu no seu cathalogo.

Faça-nos a vontade uma vez.

O redactor da *Gazeta*, depois de cumprimentar o governo pela injusta demissão do ex-capellão de Porto d'Ave, pede para que se lhe insture *processo crime*, por causa de duzentos e tantos mil réis, que encontrou n'um armario, e que foram applicados nas obras do santuario.

Se o sr. Joaquim Baptista em vez d'elles dar esta applicação os mette ao bolso, já a *Gazeta* não escrúpulisava, porque é de crer que achasse o facto mais decente e moral!

Mas qual é a razão porque a *honestissima Gazeta* que o substituiu, que era n'esse tempo *sachristão*, e que ajudando ao crime aconselhou o sr. Baptista Vieira para que se *caliasse*, porque (palavras d'elle) *isto deve ser um inviolavel segredo entre nós, para que a authority lhe não deite a unha*!...

Pois é criminoso o ex-capellão pelo facto de achar dinheiro n'um armario, e o sr. visconde de Pindella propõe para o substituir o *sachristão*, que não só ajudou, mas aconselhou a que se guardasse segredo, para que a auctoridade lhe não deitasse a unha?...

Na vida publica, como diz a *Gazeta*, não será necessario a punição dos *cumplices* como dos *delinquentes*?

Como explica a *Gazeta* este facto? Esperamos que nos responda.

Depois que o sr. visconde de Pindella mandou pela sua *Gazeta* chamar *ladrao* ao ex-capellão de Porto d'Ave, o reverendissimo Joaquim Baptista Vieira, tem este nosso amigo recebido os mais honrosos testemunhos de adhesão e sympathia, que verdadeiramente o devem gloriar.

Ainda no passado n.º d'este jornal publicamos um manifesto, no qual cerea de 30 cavalheiros dos principaes da Povoia de Lanhoso significaram a sua reprovação contra o procedimento havido pela primeira authority deste districto para com o honrado e probro sacerdote, a quem o sr. visconde depois de suspender por mesquinhas vinganças do logar que dignamente exercia, mandou ainda atassalhar n'um libello diffamatorio!

É natural que estes 30 cavalheiros sejam d'hoje em diante tidos e havidos pelo sr. visconde como outros tantos *ladroes*, e é logico que a estas horas s. ex.ª tenha ordenado ao sr. Mascarenhas um novo libello, em que a honra d'estes seja arceiramente assaltada,

alim de expiarem a culpa e de ser atenuada a impressão moral que o testemunho de taes cavalheiros fez no publico, illustrado.

Seo fado do sr. visconde, como primeira auctoridade, é o doesto e a injuria aos homens de bem, cumpra s. ex.^a o fado, que nos locutorios da malevola hypocrisia está a sua gente, que sempre se promptifica a entoar-lhe os canticos de louvor. Verá o publico como o elogio ao governador civil de Braga ha-de vir na *Gazeta* pautado pela gravidade do insulto ás pessoas, que lhe não palmejam os desacertos.

CAMARA MUNICIPAL

(Extracto das sessões)

VEREAÇÃO DE 24 DE MARÇO

Presidencia do ex.^{mo} sr.
barão de Pombeiro

Estando presentes todos os srs. vereadores a excepção do srs. João de Castro, Galdas e Couto que não compareceram por motivo justificado.

Declarada aberta a sessão e lida a acta antecedente, foi approvada.

Correspondencia e deliberações:

Deliberou-se em deferimento do requerimento de Antonio Vieira Correia da Cunha, que no dia 1 de abril futuro n'este paço do concelho, pelas 11 horas da manhã, se pozesse em praça, por tres mezes, o trabalho da impressão dos annuncios, editaes e de tudo o mais que seja necessario imprimir-se para o expediente da secretaria d'esta camara para se arrematar a quem por menos o fizer.

Declararam a is que na seguinte semana fosse a sessão ordinaria na segunda-feira 26 de corrente e que no dia 28 do mesmo houvesse sessão de camara e do conselho municipal para a discussão do orçamento geral do futuro anno economico de 1886 a 1887.

Deu-se despacho ás partes.

Sendo 2 horas da tarde, deu o sr. presidente a sessão por concluida.

INTERIOR

No dia 7 foram approvadas na camara dos srs. deputados as verbas correspondentes ás alfandegas, casa da moeda, dos districtos e concelhos, e d'outras despezas diversas.

Reuniu-se no dia 6 a comissão de legislação, e um dos seus membros, o sr. José Dias Ferreira, apresentou uma proposta, tendente a modificar o artigo do codigo civil relativamente ao casamento civil.

É concebida nos seguintes termos:

—1.º Devem eliminar-se do codigo civil todas as disposições relativas ao casamento catholico, salva apenas a declaração de que, para os effeitos temporaes, é completamente equiparado ao casamento civil o matrimonio celebrado em conformidade das leis canonicas recebidas em Portugal.

2.º A contagem dos graus de parentesco, não só na materia do casamento, mas em qualquer outra do codigo civil, deve ser feita em conformidade do direito civil e não do direito canonico.

3.º Para contrahir o matrimonio civilmente não carecem os militares licença dos seus superiores, nem os nobres de licença do rei. Ninguem é obrigado a satisfazer a mais formalidades, do que as prescriptas no presente codigo, salvo o casamento do herdeiro presumptivo da coroa, a respeito do qual continua a subsistir o artigo 90 da Carta Constitucional.

4.º A ordem e o voto solenne não são impedimentos á celebração do matrimonio civil, salvas as disposições

das leis especiaes enquanto estiverem em vigor.

5.º O individuo a quem os seus superiores legítimos negarem a licença para casar, póde requerer o supprimento d'ella ao respectivo juiz de direito com recurso aberto para todos os tribunaes superiores.

6.º São justas causas de denegação de licença para casar: 1.º molestia actual, que impossibilite de trabalhar um dos contrahentes ou ponha em perigo a saude do outro.—2.º vida criminosa de qualquer dos pretendentes á celebração do casamento.

Nem a desigualdade de fortuna, nem a desigualdade de condições, nem outra qualquer circumstancia, além das duas taxativamente marcadas, póde servir de motivo para a denegação de licença.

CORRESPONDENCIA

Villa Nova de Famalhão
3 de abril

(Correspondencia particular)

Ainda hoje não fazia tenção de des-tampar a minha *caçarola*, porque petiscos d'esta laia quanto mais demorados no escabeche, mais saborosos. Mas como cá estes meninos bonitos tem tido o desaforo e atrevimento de me quererem metter a ridiculo, como se eu fora algum bobo ou palhaço, preparem-se para o meu petisco; e, desde já os previno, que se o acharem algum tanto aspero, agradeçam-o á sua esportesa.

Hei-de fazer-lhes ver que o Petisco não é nenhum legalbê; nem tão baixo conceito de mim! Hei-de mostrar-lhes que debaixo d'uma rota e fraca vestia anda um bom entendedor. A pobreza não degrada um homem dos direitos e faculdades que a patria, mãe common, lhe confere. Senão—uma aposta? Mas vamos ao

2.º petisco

Preparativos para a eleição da camara

O sr. Zé Francisco, por um acto de vingança, de caso pensado e rixa velha veio (como todos sabem) de Lisboa a esta villa, propor-se candidato a deputado nas ultimas eleições, para guerrear o sr. Torres e Almeida, (já se entende, porque o sr. Torres é homem de palavra e character, e a elle não quizera faltar, como era da vontade e empenho do sr. Zé Francisco, custasse-lhe os mais penosos sacrificios).

Mas porque então nada lhe valeu o muito dinheiro que desembolsou, para ver se chegava a ser deputado; nem tão pouco os repetidos jantares e beberejes dados á sua gatinha; nem ainda as grosseiras chicanas que usou contra a fortissima opposição, que lhe fez a respeitaver classe parochial, os regedores e todo o resto dos mais honrados eleitores d'este concelho todo, principalmente o administrador d'elle, entao effectivo, os commendadores Torres e Machado e até o proprio Judas Escariotes—Tiroliro—n'essa actualidade presidente da camara (porque todos muito bem conhecem o sr. Zé Francisco desde o berço até ao Brazil e de lá até ás heranças do barão de Villa Nova do Minho e d'outras, e até á mesma eleição) o sr. Zé Francisco ficou derrotadissimo d'esse doudejar da sua candidatura; e perdeu as sommas que desperdiçou nos *comes e bebes* em compra de eleitores (no que foi—aquí para nós—realmente bem comido e só ganhou nove descreditos). Foi bom e

de interesse para esses amantes d'Epicuro que tiraram os ventres das continuas miserias. Só cá o pobre Petisco, esse passou *laxiva* e fez cruzes na boeca; mas não importa. Já que tão baixo conceito formam de mim, que assim me excluam das patuscadas, que mas façam agora a ver se me zango. Ah! perros! ágora zango; tenho a *caçarola* recheada e isso me basta.

Ora, como o Zé Francisco tivesse o desastre de perder aquella sua candidatura (com que tanto contava como o gato com o rato d'entr'unhas) a mais vergonhosa candidatura d'este concelho, que tão dignamente tem sido representado pelos distinctos Almeida Garrett, D. Rodrigo de Menezes, Martens Ferrão, Torres e Almeida e outros dignos deputados e nunca por um individuo tão ignorante, vingativo e despotico — almejante e fulto de raiva, logo que a fusão empalmou o poder, aguçou unhas e dentes para ser o novo administrador do modo *brioso* narrado no meu primeiro petisco: e de facto e não de direito subia ao polviro, porque tambem achou *brios* no *brioso* Pindella. Enfim tal cliente, tal patrono. . .

Então o sr. Zé Francisco, cantando sobre o poleiro d'administrador, se preparou, munido d'outras artimanhas, para vencer a eleição camararia. Iluminado por um raio da amarella esperança, chamou todo *euromanicado* ás armas todos os seus irmãos da confraria da fusão, que lhe tinham enxugado muitas garrafas do fino e papado muitos bons petiscos na sua vergonhosa e derrotada candidatura a deputado; e a voz do sancto foi esta:—Eia, camaradas! agora sim; agora vamos a elles!

Embora os srs. Casal e Martens Ferrão protestassem digno e energicamente contra essas aspirações ambiciosas e saerilegas da fusão, que pretende subordinar a religião aos interesses politicos, vilipendiando o catholicismo, e impondo-nos, como religião os seus desvarios, como disse o *Amigo da Religião* no seu n.º 296—vamos sobre os anti-fusionistas, que são d'esse partido, que não pertence aos clubs, porque pertencem ao partido dos homens de bem e tementes a Deus e sabem que mais agradam ao mundo os que desagradam a Jesus Christo. Tnhamos enfim olhos de toupeira para elles, e de aguia para os nossos. Eia, pois, camaradas! agora sim; agora vamos a elles!!!

Aquí repousou cansada a sua eloquencia. No entanto este desentoado almiré não assustou os valentes e fidos eleitores. Mas, porque muitos d'estes eram regedores, o sr. Zé Francisco, patrocinado pelo sr. Pindella, ergueu o cutello demissorio, e o descarregou sobre esses honrados regedores de Cavallões, Louro, e outras muitas freguezias! Acções heroicas que a patria devia premiar.

Era-lhe necessario tambem suspender muitos parochos e ecclesiasticos; mas porque, por muito poderosos que sejam os governos leigos e os senhores do mundo, sua potencia não se estende ao governo da religião, usou para com elles d'outros engodos. Estafou-se em escrever cartas e cartas, a todos os eleitores ecclesiasticos e se ulares do concelho, convocando-os a uma reunião eleitoral, e fallando-lhes ao ouvido em suas casas, pelos caminhos, e nas feiras d'esta villa. Mas com isto mui pouco fez.

Reunidos que foram os fusionistas e poucos dos anti-fusionistas na casa do tribunal d'esta villa, o sr. Zé Francisco subiu á cadeira do sabio e direito, juiz de direito, d'esta comarca, e todo empavonado soltou os diques á sua sa-

bença. Era um gosto ouvi-lo, ora lendo, qual outro caixeiro, por um *borrão* ou *papelão* que tinha em sua mão esquerda! ora fallando *da sua cabeça!* ora com a sua direita, fazendo *frioletos* accionados aos expectadores d'esse entremez! Já tenho visto palhaços com menos pilheria.

Eu, pobre diabo, não tenho voto na materia; mas ouvi d'zer algures, que o sr. Zé Francisco sophismou tambem, que parecia um *estoura cabrestos*; e que fallando em politica parecia a impolitica, que quiz subir á altura dos Martens, dos Palmestões e dos Palmellas; mas que figurou d'um Zé da vestia, ou d'um Manoel da Cancellia de Gavião. É o que d'ordinaria succede a quem pertende metter o *focinho* no cêo.

A essa reunião faltaram muitos convidados, mas concorreram os mais *salientes* fuzionistas do concelho, *exempli gratia*, os srs. Carvalhães e o seu *notavel* parochos, o sr. Tiroliro, o *fidedigno* Bandeira, o *celebre* Terrozo, o ourives, o Fernandes, e muitos outros do mesmo jaez, uns eleitores e outros espectadores, mas *donatos* da fusão, para apoiarem o *digno* presidente, Zé Francisco.

Depois d'este ter feito a sua *palinodia* aos seus adeptos, proposto os candidatos para a nova camara, (já se sabe taes como elle), e depois de serem approvados pela sua confraria eleitora e não eleitora, (ouvi dizer que a tal assembléa eleitoral fóra dirigida com tanta ordem, que) o *decantado* abbade do Loureiro sem pedir palavra, disse em alta voz:—Não conheço a maior parte d'essa gente proposta; preciso tempo para me informar d'ella; e por isso não posso já approval a, nem rejeital-a.

Em seguida o *valeroso* abbade de Cavallões pedindo e dando-se-lhe a palavra, em bem fundamentados discursos, abundou em provas, demonstrando que tambem pela mesma razão os não podia já approval nem rejeitar. Com este se conformaram tambem os reitores de Lemenhe e Ribeirão.

Quittindo delongas; os fuzionistas approvaram logo seis dos propostos pelo fuzionista mór, todos d'aldeia; e, querendo elle propor o ultimo, disse, que devia ser da villa, querendo talvez empoleirar o Tiroliro; mas porque o *monhoso* abbade do Louro disse logo:—Sim, senhor, essa camara deve ter um vereador da villa, mas homem formado; porque uma camara toda bígua, sem um assessor, não será boa.—Parece-me que talvez por esta opinião foi que o sr. fuzionista mór propoz então o sr. Vessadas, que na verdade é um advogado de saber e inteireza; mas porque houve quem disesse que elle não accitava a honra fuzionista, nomeou-se uma comissão para ir pedir-lhe que accitasse.

Não sei o que a comissão passou com o sr. dr. Vessadas, o que posso dizer é que não annuo ao convite. Agora pergunto eu aos taes meninos bonitos, e porque? Isso para mim é um enigma. Mas. . . seria porque com taes mordomos não se pode ser juiz? . . . quem sabe. . . . tambem eu com taes *pingas* não posso beber pingas; com taes *petiscos* não posso petiscar.

Meus caros meninos, tende paciencia; certamente o jejum da quaresma tem-vos exaurido as forças, e por isso não quero cansar-vos indigestão com os meus petiscos; ide mastigando este de vagarinho e como poderdes.

Adens até ao terceiro petisco, que ha-de ser mais saboroso.

O Petisco.

O que diz a «Gazeta do Minho».—Continua o nosso fadario. A *Gazeta do Minho*, ou o sr. Miguel Mascarenhas, diz muitas cousas e entre ellas as seguintes:

1.º—Diz que a gente seria do seu partido se espantou da paciência, com que o sr. Mascarenhas soffreu o martyrio, porque nós, feros carrascos, o fizemos passar.

Pelos modos, a gente seria do partido do sr. Pindella achou pouco que o sr. Mascarenhas despejasse sobre nós todo o seu vocabulario de libellista famoso e exigia que nos despejasse tambem um bacamarte nos intestinos. Não acreditamos. O sr. barão de Pombal, o sr. Antonio Leite de Castro etc. que são a gente seria do partido do sr. Pindella, a espantarem-se d'alguma cousa, é de certo da semceremonia com que o sr. Mascarenhas os quer fazer entrar na sarabanda. Não se mate, que não entram.

2.º—Diz mais o sr. Mascarenhas, que fomos nós os provocadores. Isto é serio e promete um jogo d'esconde-esconde, que não pode ter muita graça. Para cortar a questão pela raiz, ha-de o sr. Mascarenhas fazer favor de nos indicar o n.º do *Vimaranense* em que o provocamos; que, logo que tenhamos o seu confesso, é facil provar que, muito antes da nossa provocação, já o sr. Mascarenhas fazia aos srs. Vieiras uma guerra bruta e selvagem. Se nos não satisfizer n'este pedido, o sr. Mascarenhas fica o que era, isso é verdade.

3.º—Diz que não sabemos ler, quando por «um commensal do sr. Vieira», entendemos: um tal que o sr. Vieira teve á sua mesa. O sr. Mascarenhas (para quem ler e entender parece ser a mesma cousa) quer que se entenda: o sr. Vieira posto á mesa d'um tal.

Ha-de desculpar o sr. Mascarenhas, mas se quer que o entendam, escrevendo assim, é melhor ir escrever para os nossos antipodas, porque n'este hemispherio *d'idiotas* não ha-de haver muita gente que lhe encha as medidas.

4.º—Diz que, se lhe fallamos em salario, para lhe atirarmos á cara com a sua pobreza, fiquemos certos que não o offendemos. O sr. vem tão mettido a martello, que desconfiamos d'elle. Conhecemos já d'ha muito a cantilena de ego com que o sr. Mascarenhas apregoa a sua pobreza honrada. Commove-nos. Mas errou a porta. Pobres tambem nós somos. Dê uma volta por Braga, ou pelo Campo da Feira e cantarolé por lá a sua jeremiada aos ingratos, que só deixaram com cotão nos bolsos um homem, que tantos serviços lhes fez e que levou o sacrificio até largar os proventos da sua escrivania de direito. Pobre moço! raça d'ingratos!

5.º—Diz que se retirou do *Vimaranense*, quando o periodico abocanhou os creditos do primeiro jornalista de Portugal. Valha-nos Deus! Pois o sr. Mascarenhas ignora que o primeiro jornalista do paiz, o *tris-rarissimo*, o Walter Scott do jornalismo, é, na opinião do sr. Pindella, o redactor da *Gazeta de Portugal*!! Seria cousa curiosa vermos o sr. Mascarenhas e o sr. Pindella a jogarem as cristas, para decidirem quem era o *tris-rarissimo* do jornalismo! *Arcades ambo...*

6.—Diz mais o sr. Mascarenhas que dormia tranquillo e nos lamentava (em sonhos, já se vê), quando o fomos estremunhar, e, que se nos respondeu, foi porque estava mal humorado.

Pois se s. s.ª está mal humorado, trate de si, enquanto é tempo. O an-

no não vae bom; morre muita gente, e nem as gallinhas escapam. Abrace o conselho e não leve a mal que lhe digamos que a imprensa não é enfermaria d'hospital, nem sitio, onde se appareça, ainda tonto de somno, de cuecas e barrete de dormir, como s. s.ª diz que faz.

Que mais diz a *Gazeta* do sr. Miguel Mascarenhas? Falla ainda nos favores e amizade que devemos ao sr. visconde de Pindella. Mas isto é ser importuno. Já respondemos: «*Chacun a sa place*» etc. Se a resposta lhe não agrada, não temos outra.

Uma ultima observação e pomos ponto. A *Gazeta* transcrevendo e applicando-nos os versos de Boileau, retracta-se das calumnias que tem dito contra nós, e confessando que na nossa *satyra ha verdade e não freima de dizer mal*.

Ora ainda bem! O toque d'arrepentimento veio tarde, mas veio.

Gloria in excelsis...

Correcção merecida.—Em sessão do dia 3 do corrente, na camara dos pares, o sr. marquez de Vallada, especie de chocarreiro da camara alta, e dedicadissimo *sustentaculo* da situação, quiz causticar com as suas *truancias* o pundonor do illustre cathedratico o sr. Vicente Ferrer que na sessão anterior derrotou com a sua palavra fluente e com a sua logica de ferro o ministerio, mas o sabio professor e honradissimo estadista, erguendo-se com o maior sangue frio e com a mais notavel placidez, narrou o seguinte caso.—«Em Coimbra fui uma vez nomeado provedor da Misericordia. Alem de provedor e d'outros graus ha na irmandade um membro chamado *campainha*. Traz este sempre vestido um balandrau, e anda quasi diariamente «pela porta dos irmãos a tocar a pequena campa».

(Notem que o sr. marquez de Vallada traz vestido um casaco igual aos balandraus).

«No sabbado de alleluia ha porém na egreja da Misericordia uma festividade a que assisti e em que vi representar o irmão *campainha* um papel singular.

(A camara escutava profundamente attenta a anedocta, o sr. marquez começava a fazer-se de todas as cores; e o orador sempre com a maior seriedade, proseguiu):

«A irmandade em d' terminada occasião colloca-se ao longo da egreja em compridas alas, e o irmão *campainha* affectando gravidade e ares «beatos, percorre as alas, pára defronte de cada irmão, estende-lhe a direita, e offerece-lhe um punhado de «confeitos».

«Representam estes uma como refeiçao reanimadora depois dos silicios e penitencias dos dias anteriores.

«Desde que eu sou par sempre o sr. marquez de Vallada me pareceu o tal irmão *campainha*; para mim estende constantemente a mão, mas por mais que lhe olhe para ella nunca lhe digo os confeitos, sempre a acho «occa. Ora ao que é «occo não se responde.»

E o orador sentou-se.

Ninguem póde imaginar o effeito que esta anedocta produziu. As gargalhadas, os apoiados e os bravos retiniram em toda a sala, até ao acabar a sessão, em que o *campainha* quiz novamente estender a mão, e talvez... o pé para o illustre par, muitos collegas do sr. Ferrer o foram felicitar pelo modo como soube corrigir a petulancia d'este incrível *campainha*, que parece ser ministro sem pasta, como outros *campainhas*, que há na camara dos deputados...

Caminho de ferro do Mi-

inho.—Na junta geral d'este districto foi apresentada pelo sr. Penha Fortuna uma proposta para que na consulta se pedisse ao governo para ser approvado o traçado do caminho de ferro, feito pelo sr. Souza Brandão, que segue a directriz do littoral.

Esperamos que os nossos amigos os srs. Lourenço de Castro e José Furtado, dignos procuradores por esta cidade, combatam com todas as forças da sua intelligencia esta proposta, que é visivelmente prejudicial aos interesses d'esta provincia e do paiz.

É de crei que o sr. Manoel de Magalhães não abandone n'esta questão os interesses do concelho que representa, bem como os illustres procuradores dos dous Bastos, e todos se opponham da mesma maneira a tão injusta permissão.

Seguiremos de perto esta questão, que por via d'ella já o sr. visconde de Pindella queria, que Guimarães elegeisse só um procurador á junta.

Felizmente não realison os seus designios.

Baile de mascaras.—Na noite do passado domingo teve lugar no theatro d'esta cidade o segundo dos dois bailes de mascaras, que tinham sido annunciados n'este jornal.

A concorrência, tanto de espectadores, como de mascaras, foi maior do que a do baile antecedente, e correu até o divertimento mais animado, dançando-se até ás duas horas da noite.

Incendio.—No sabbado pelas 8 horas da noite deram as torres signal de incendio, que se tinha manifestado n'um deposito de matto proximo á cocheira de casa da ex.ª sr.ª D. Maria José da Silva Carneiro, na rua de Santa Luzia.

Os promptos socorros venceram o elemento destruidor em curto prazo de tempo.

Sinceramente nos regosijamos com este resultado.

Gracia.—Foi ultimamente agraciado com o habito de Christo, o nosso estimado amigo e distincto engenheiro, o sr. Gualter Freitas Costa.

A cruz, no peito de cavalheiros como o sr. Gualter, não é *aspa*, é cruz.

A soirée no paço.—Eram 8 horas e meia da noite quando começaram a entrar nos aposentos de suas magestades os convidados para a *soirée* dançante, que hontem se deu no paço da Ajuda.

A primeira entrada era na sala de marmore, e passava-se depois por diferentes quartos até chegar á sala da biblioteca, d'onde foram removidos todos os livros, para ali se dar o concerto. Seguia-se a pequenos quartos, elegantemente adornados, e ainda a uma sala do conselho de estado, que, preparada com toda a sumptuosidade, serviu para o baile. Pertence esta sala ao torreão do lado direito do paço, tem tres janellas para o lado de Belem e uma para o largo da Ajuda. Estava decorada com elegancia. Tinha um tapete adamascado verde escuro, pendia no meio da sala um brilhante lustre de, proximamente, tres metros de altura, placas de cristal em todas as hobreiras das portas e janellas.

Em frente, e proximo da janella do centro, que olha para Belem, estava o busto de Victor Manoel, sobre um pedestal forrado de velludo carmezim. Aos lados, em frente das outras duas janellas, achavam-se collocados dois ricos candelabros de fino cristal e com um grande numero de lumes. Outros bustos adornavam a sala, taes como os de D. Pedro V, D. Estophania, Camões e duque de Palmella. Passava-se d'esta sala para a sala de visitas, que prepa-

rada com toda a magnificencia propria, servia para o *bufete*.

Pendia no centro um immenso lustre, e por baixo havia uma jardineira lindamente enfeitada com flores, que rescendiam bellos aromas. Espalhadas pela sala com symetria, viam-se doze mezas, de dez talheres cada uma, tendo no centro serpentinas de cristal com cinco lumes, e Jores. Além d'isto havia ricos aparadores e bellos sophás. Era surprehendente o effeito que produzia tão elegante sala.

Os convidados eram perto de 100. S. M. el-rei o senhor D. Fernando, que veio de Cintra, assistiu á *soirée* até ás tres horas da madrugada, e depois partiu de novo para a apreciavel villa.

El-Rei D. Luiz, Rossini e o vinho do Porto.—Um jornal inglez conta o seguinte caso, que tem sido transcripto pela imprensa do reino visinho.

Do *Evening Star*, de 23 de março, transcreve a *Correspondencia de Hespanha* o seguinte:

«Diz-se que o rei D. Luiz de Portugal offerecera ao famoso compositor Rossini um barril de vinho do Porto, de excellente qualidade, como só se encontra nas frasqueiras de S. M. O grande maestro esteve esperando muito tempo, porem vendo que o delicioso licor não chegava, lançou mão da penna, e escreveu ao rei uma carta, em que lhe dizia:

«V. M. prometteu-me um pouco de vinho do Porto, e o vinho não chega. Sem duvida que V. M. não esqueceu a sua promessa, pois os soberanos nunca as esquecem; porem permittime, Senhor, recordar-vos que sou velho, e na minha idade não se pode perder tempo.»

É de esperar, que S. M. o Rei D. Luiz tenha ordenado immediatamente se remetia o delicioso licor do Porto ao illustre compositor.»

Testamento notavel.—Falleceu ha pouco em Marwell, cerca de Londres, sir Fenimore Smith, n'uma idade avançada, e deixando uma fortuna que se avalia em muitos milhões. Era o deano dos que os inglezes chamam *Nubabs*, porque adquirira as suas riquezas na India. Legou a maior parte da sua immensa fortuna aos estabelecimentos de caridade das quatro partes do mundo, destinando réis 2.160.000\$000 para fundar ou no Egypto ou em um valle do Libano, uma escola universal, na qual estejam representadas todas as nações do globo. Os jovens que sahirem d'esta escola, serão verdadeiros apóstolos da civilização.

(Diario Mercantil)

Cereaes.—O preço dos cereaes no mercado de 7 de abril n'esta cidade foi o seguinte:

Trigo.....	alqueire	1\$100 réis
Centeio.....	»	\$600 «
Milho alvo.....	»	\$530 «
D.º branco.....	»	\$460 «
D.º amarello....	»	\$450 «
Painço.....	»	\$400 «
Farinha.....	»	\$490 «
Feijão vermelho..	»	\$960 «
D.º branco.....	»	\$900 «
D.º amarello....	»	\$740 «
D.º fradinho....	»	\$480 «
D.º rajado.....	»	\$700 «
Batatas.....	»	\$380 «
Cevada.....	»	\$800 «
Azeite.....	almude	4\$900 «
Vinho.....	»	1\$000 «

O PANORAMA

Semmaryo de litteratura e instrucção

Publicou-se o 13.º numero, adorna- do de bellas gravuras e contendo va- rios artigos dos srs. Pinheiro Chagas, Osorio de Vasconcellos, Eduardo Au- gusto Vidal e Candido Figueiredo.

Em Lisboa—Subscreeve-se no escri- ptorio, typographia Franco-Portugue- za, rua do Thesouro Velho n.º 6— Lisboa, onde deve ser dirigida toda a correspondencia, subscriptada ao ad- ministrador d'esta folha—Miguel Sou- za Monteiro.

Assigna-se por anno 4\$300—estam- pillado 1\$560—semestre 650—es- tampilhado 780—trimestre 340—es- tampilhado 400.

O importe é pago adiantado.

Vende-se em todas as livrarias do costume—Numero no acto da entrega ou avulso 30 rs.

No Porto—Assigna-se e vende-se em casa da viuva Moré.

ARCHIVO JURIDICO

Periodico mensal de noti- cias judicarias e legisla- ção de mais interesse, tan- to antiga como moderna.

EDITOR—J. L. DE SOUSA

Publicou-se o numero 62.

DESPEDIDA

ANTONIO Soares Mascarenhas agradece por este modo a todas as pessoas, que se dignaram cumprimental-o, durante a sua estada n'esta cidade e pede desculpa áquellas, de quem não se pôde despedir pessoalmente, como muito desejava, em consequencia da sua rapida partida para a cidade do Porto, onde lhes offerece os seus serviços e limitado prestimo.

AGRADECIMENTOS

FRANCISCO JOSÉ DE FREITAS ARANTES, sua esposa e filha, agradecem por este modo a todas as pessoas que tanto os penhoraram com provas d'amisade e estima na occasião do fallecimento de sua cunhada Maria Etigenia, e a todos protestam a sua eterna gratidão.

JOÃO Leonardo de Gouvêa, sua esposa, sogro e cunhado, sendo-lhes por emquanto impossivel agradecer pessoalmente os innumeraveis obsequios que receberam, durante a penosa enfermidade, de que o primeiro se acha em convalescença, veem por este modo fazel-o, confessando-se em extremo penhorados e eternamente agradecidos.

ANNUNCIOS

AVISO

RODRIGO José d'Almeida Guimaraes, da cidade do Porto, avisa a dois individuos da cidade de Guimaraes, a quem ultimamente escreveu, pedindo a um o pagamento da quantia de 7\$680 réis que lhe deve e a outro de 7\$360 réis vencidos em 30 de junho de 1865 : que se não satisfizerem dentro do prazo de 15 dias serão seus nomes publicados pela imprensa. (79)

JACINTHO José Antunes Lima, sollicitador de causas, encartado na cidade de Lisboa, com escriptorio na rua de Cima do Socorro n.º 27, 1.º andar e residente no 2.º, escreita de todas as provincias do reino, ilhas e ultramar procurações para causas civis, crimes e commerciaes em 1.ª e 2.ª instancia e em grau de revista, recursos do conselho de estado, pendencias com todas as secretarias e repartições publicas, breves de nomenclatura e Santa Sé de Roma, liquidações de heranças dentro e fora do reino, cobrança de dividas á commissão, compra e venda de predios e papeis de credito, impressimos no Banco Hypothecario, agencias e commodas e pontuaes.

Vende-se a casa proxima á igreja do Carmo, completamente edificada de novo, com amplas acomodações para numerosa familia, bom quintal e optimas vistas. Trata-se com João de Oliveira Souza Guimarães, do terreiro da Misericordia, d'esta cidade.

QUEM pertender a juro da lei, a quantia de 135\$000, pertencentes á irmandade de Nossa Senhora do Rozario, da freguezia de S. Torquato, falle com o thesoureiro da mesma irmandade.

PHOTOGRAPHIA ARTISTICA

RUA DAS LAMELLAS N.º 4

A. A. S. Cardoso, retratista pintor, tira retratos por todos os systemas; desde a miniatura até ao tamanho natural, desde as 10 horas da manhã ás 3 da tarde.

QUEM quizer comprar um a morada de casas, com amplo quintal e agua, sita no logar do Assento, na freguezia de S. Torquato nas immedia-

ções da estrada, que vae d'esta cidade, pode dirigir-se a esta redacção, onde se lhe dirá quem é o seu proprietario.

Compagnia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro.

Deposito em casa de José Custodio Vieira—Praça do Toural n.º 5.

Tem á venda vinhos engarrafados de todas as qualidades, bem como vinagre, geropiga e agoardente.

INJECCÃO E CAPSULAS VEGETAES AOMATICO

Novo tratamento preparado com as folhas de Matico, árvore do Peru, para a cura rapida e infallivel da Gonorrhoea sem receio algum da contracção do canal ou da inflammação dos intestinos. O celebre doutor Riccoboni, de Paris, ter renunciado, desde sua applicação, ao emprego de qualquer outro tratamento. Emprega-se a Injecção no condico de fluxo; as capsulas em todos os casos chronicos inveterados, que resistirão ás preparações do copahu, cubeba e ás injeções com base metallica.

MUDANÇA DE BOTICA

PHARMACEUTICO. Antonio José Pereira Martins, faz sciente a todas as pessoas, que se quizerem utilizar dos seus serviços pharmaceuticos, que mudou a sua botica da rua de S. Damazo para a rua dos Trigaes n.º 10, (vulgo Fonte da Varrella) aón-

PILULAS E UNGUENTO DE HOLLOWAY

Estes Medicamentos obtem uma accitação e uma venda mais universaes do que qualquer outro remedio no mundo. As Pilulas são o melhor purificante conhecido para o sangue, corrige todas as disordens do figado, e do estomago, e são igualmente efficaes nos casos de dysenteria; finalmente, como remedio de familia não tem rival. O Unguento cura prompta e radicalmente as feridas antigas, chagas, ulcemas (ainda que tenham vinte annos de existencia) e é um especifico infallivel contra as enfermidades cutaneas por mais malignas que sejam, taes como, lepra, escorbuto, sarna, e todas as affecções de pelle. Cada caixa de pilulas, e pote de unguento vão acompanhados de amplas instrucções para o uso do respectivo medicamento, podendo se obter estas instrucções em todas as linguas conhecidas. As preparações de Holloway vendem se em todos os paizes do mundo, (sem exceptuar Sina, China, India, as Ilhas do Archipelago Oriental, Syria, Arabia, Grecia, e Turquia) e se nosso oncontrau se em todas as principaes Boticas.

As Pilulas e o Unguento de Holloway se acham á venda em Lisboa, em casa da VIUVA BARRETO 28, RUA DO LORETO E BARRAL E IRMÃO 126, RUA AUREA.

No Porto em casa de MIGUEL J. DESOUSA FERREIRA, RUA DA BAINHARIA, N.º 77 E 79, E DE TOMAS BOWDEN, N.º 4 RUA DE S FRANCISCO.

PUBLICA-SE ÀS TERÇAS E SEXTAS-FEIRAS

Table with 4 columns: Subscription type (Por anno, semestre, avulso), Price (Com estampilha), and Publication details (Publicações litterarias serão annunciadas...). Includes prices for Brazil and Portugal.